

O PROCESSO NUTRICIONAL E A BIOÉTICA: perspectivas da Teoria Semiótica e Teoria da Auto-organização.

Maria Amélia Carvalho Carvalho¹

Resumo

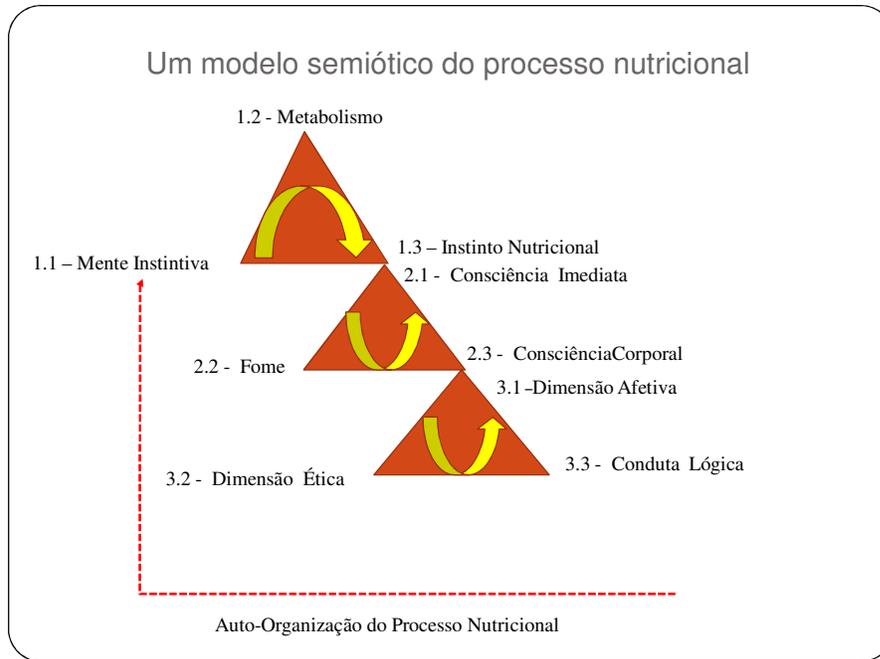
O processo nutricional é aquele pelo qual as pessoas selecionam, ingerem e metabolizam alimentos; absorvendo nutrientes, excretando metabólitos, produzindo energia útil e calor, transformando-os em seu próprio corpo. Desse modo, o processo nutricional possibilita a manutenção da vida e a realização de potencialidades. A partir da Semiótica e do Pragmatismo de Charles Sanders Peirce apontaremos algumas correlações entre as dimensões afetiva, ética e lógica desse processo, que se expressam de modo complementar e indissociável. Para tal, compõe-se um diagrama que apresenta a complexidade envolvida nas diversas dimensões e etapas do processo nutricional. Deve-se considerar no diagrama, tanto a possibilidade de fenômenos auto-organizados nos processos nutricionais (processos sobre os quais não se exerce um controle ou aqueles que ocorrem sem autocontrole) quanto fenômenos nutricionais hetero-organizados (isto é, aqueles sobre os quais se exerce certo grau de controle), como é possível apontar, por exemplo, em nossa sociedade, o direcionamento do consumo alimentar por meio de propagandas veiculadas na mídia. Em contrapartida, se indica que ações educativas que se exercem de modo a correlacionar os aspectos psicobiossociais implicados na nutrição podem facilitar processos auto-organizados de mudanças de hábitos nutricionais prejudiciais à saúde das pessoas.

Palavras-chave: Processo Nutricional, Auto-Organização, Semiótica, Aprendizagem, Bioética,

Cotidianamente fazemos escolhas alimentares e podemos perceber que não temos controle total sobre nossa conduta alimentar, sendo assim, coloca-se uma questão: pode o processo nutricional se auto-organizar no sentido de beneficiar nossa saúde?

A partir da Teoria Semiótica de Peirce (1958) e da Teoria da Auto-Organização de Michel Debrun (1996; 2009) investigaremos acerca desta questão, adotando a seguinte hipótese: a auto-organização não se restringe à dinâmica de um dos momentos do processo nutricional (por exemplo, o autocontrole corporal), mas abrange tanto a pessoa como a sociedade em que se insere. A elaboração de um modelo semiótico do processo nutricional (indicado a seguir) nos permite investigar o processo nutricional em suas várias etapas e dimensões.

¹ Doutora em Saúde Coletiva - Faculdade de Medicina – UNESP - Botucatu



Como um todo, o processo nutricional se refere aos hábitos alimentares. De acordo com Peirce em *The Law of Mind*, o hábito como uma tendência mental, apresenta uma tendência de economia energética. Por meio dos hábitos as pessoas selecionam, ingerem e metabolizam alimentos transformando-os em seu próprio corpo.

Hábitos terão poder para influenciar o comportamento real do mundo exterior, especialmente se cada reiteração for acompanhada por um esforço peculiarmente forte que é geralmente comparado a emitir um autocomando para seu futuro (CP 5.487)

E, aqui está o ponto - todo o homem exerce um controle mais ou menos sobre si mesmo por meio da modificação de seus próprios hábitos (CP 5.487).

Em nossa perspectiva de investigação, de acordo com Peirce, consideramos o instinto nutricional como o processo semiótico do qual se retiram inferências sem necessariamente acionar a consciência. Embora sejamos originalmente dotados de um instinto nutricional,

Devemos ressaltar que para Peirce, a consciência exerce uma função real no autocontrole, pois sem ela, o exercício do mundo interior não poderia afetar as determinações reais e hábitos do mundo exterior. (CP 5.493).

Podemos então, refletir por meio do diagrama, acerca de nossos limites e possibilidades no que diz respeito ao processo nutricional e ao modo como podemos ou não “afinar” nosso instinto de nutrição. Devemos notar que para Peirce, a ética se estabelece num campo dual de atração exercida pelo objeto admirável querido como *Summum Bonum*. É neste sentido que devemos ter em vista todas as dimensões que se entrelaçam e compõem a auto-organização do processo nutricional, considerando

que a questão nutricional ética traz consigo a questão estética que move essa conduta. Nesta perspectiva surgem solicitações como as seguintes: O que vale a pena querer? Que concepção de saúde nós adotamos? Que conduta alimentar devemos ter?

Levando-se em conta o que Peirce apontou: que “em muitos casos, os instintos sociais são caros ao indivíduo, até mesmo perigosos, e às vezes fatais” (CP 7.378), devemos considerar todos os aspectos psicobiossociais implicados na nutrição, como por exemplo, as formas de cultivo, armazenamento, transporte, distribuição e comercialização dos alimentos, e demais etapas que influenciam diretamente as escolhas alimentares no âmbito pessoal.

Neste sentido, uma conduta nutricional ética pode ser pensada em duas perspectivas correlacionadas: uma perspectiva do corpo e uma perspectiva do meio ambiente.

Considerando que uma conduta corporal ética, diz respeito às conseqüências pós-ingestão dos alimentos (CARVALHO, 2012), ela deve atender às necessidades psicofísicas, socioeconômicas e culturais e deve incluir a ingestão (equilibrada) de alimentos que possuem conteúdo nutricional.

Deste modo, uma perspectiva corporal antiética envolve uma ingestão em excesso de calorias vazias e/ou de substâncias tóxicas ao organismo. Ressalta-se que uma conduta de excessos e desperdícios alimentares promove e acentua desigualdades sociais, aumentando as privações alimentares daqueles que são financeiramente mais desfavorecidos. O estímulo ao consumo exacerbado de produtos alimentícios processados industrialmente apresenta um padrão de consumo que leva ao esgotamento dos recursos naturais e, ao contrário, a redução de desperdício alimentar e o boicote a produtos poluidores e sem conteúdo nutricional poderá promover um padrão de consumo alimentar mais ético, necessário à manutenção da vida.

Uma conduta nutricional ética na perspectiva do meio ambiente envolve a cadeia alimentar em todas as etapas: produção, transporte, armazenamento, distribuição, comercialização e consumo dos alimentos e, neste sentido, uma conduta nutricional ética é aquela capaz de valorizar e preservar o potencial do meio ambiente e do trabalhador. Ao contrário, uma conduta nutricional antiética é aquela que desvaloriza tanto o trabalhador e/ou o meio ambiente, ou seja, é uma conduta incapaz de promover a sustentabilidade. Deve-se dar ênfase na agricultura familiar, ao transporte regional dos produtos alimentícios (com redução de emissão de Co₂), à valorização do trabalhador, a reeducação alimentar e às diretrizes de Segurança Alimentar.

Do ponto de vista do controle que se pode, ou não, exercer sobre si próprio, De acordo com a teoria da Auto-organização de Michel Debrun (2009, p. 70) não há muita compatibilidade – e muito menos fusão- entre a “Filosofia do sujeito” e as Teorias da Auto-organização.

É importante notar que na perspectiva de Debrun (2009) ocorre auto-organização principalmente a nível físico, químico, biológico “aquém do sujeito”, isto é, na dinâmica auto-

organizada o sujeito age inconsciente no “piloto automático”. Neste sentido, há uma face-sujeito que não é onipotente em relação ao resto do organismo - se fosse onipotente o resto do organismo seria objeto, pois haveria cisão entre um Ego organizador e um Ego organizado (alheio ao primeiro)- (a maximização da A.O. viraria hetero-organização). Deste modo, segundo Debrun (2009, pag 69) “Auto-organização só existe enquanto imperfeita” e “Não há o sujeito da auto-organização. mas, há “sujeitos”.

Devemos também notar, de acordo com os conceitos centrais da Teoria da auto-organização (DEBRUN, 2009) que: Há auto-organização cada vez que o advento ou a reestruturação de uma forma, ao longo de um processo, se deve principalmente ao próprio processo - as características nele intrínsecas -, e só em grau menor as suas condições de partida, ao intercambio com o ambiente ou a presença eventual de uma instância supervisora.

Em resumo: de acordo com Debrun (2009, pag.69) das duas uma, ou o sujeito está ausente da auto-organização, havendo quando muito- a nível físico, químico ou biológico- uma subjetividade “difusa”(intersubjetividades?), cujo conceito Debrun encontra também em autores como R. Ruyer (1958); ou então, “o sujeito está presente, mas, apenas como elemento (principal) da auto-organização “secundária”, como *primus inter pares*; ou como um dos múltiplos “sujeitinhos” da auto-organização coletiva humana primária”.

Segundo Debrun, não encontramos na TAO o sujeito auto-transparente, formulador da lei moral (ou da negação da lei moral), doador de sentido ao mundo. Nunca encontramos, obrando na auto-organização, o sujeito da “meta física ocidental”, dono de si mesmo como do universo.

Podemos dizer que na dinâmica auto-organizada há um sujeito que age de modo inconsciente, digamos, no “piloto automático”. Para ilustrar essa ideia do sujeito da auto-organização, vejamos algumas indicações de pesquisas científicas atuais: as pesquisas neurocientíficas indicam que processos cerebrais hedônicos provem um guia intrínseco de seleção de alimentos (o instinto de nutrição do qual somos dotados).

Piomelli (2011) apontou que pelo fato de gorduras serem essenciais ao funcionamento celular, “temos essa ação evolucionária de reconhecer a gordura e, quando temos acesso a ela, consumi-la o máximo que podemos”. De acordo com Carnell (2011) “algumas compulsões alimentares podem ter origem em sistemas biológicos sobre os quais o indivíduo não tem controle”.

De acordo com dados de pesquisas (SEGERSTROM et al., 2007) temos uma vulnerabilidade às “tentações alimentares”, isto é, o esforço para tentar controlar emoções e inibir impulsos para ingerir alimentos altamente considerados “proibidos” numa dieta de controle da obesidade, por exemplo, não pode ser mantido por muito tempo, ou seja, o auto controle sofre esgotamento.

Podemos notar, segundo as pesquisas, que no processo nutricional o domínio do nosso livre arbítrio parece ser limitado quando consideramos, de acordo com Peirce, que não nos cabe escolher nossos juízos perceptivos instintivos. A partir daí deve ficar claro que nossa liberdade será sempre relativa e condicionada.

É interessante ressaltar que o conceito de “vulnerabilidade” é um referencial importante da bioética. De acordo com Hossne (2009) “a vulnerabilidade é uma condição (situação, estado) sindrômica”. Segundo Hossne (2009), metaforicamente, vulnerabilidade é uma síndrome, isto é, estado (em medicina, estado mórbido) caracterizado por um conjunto de sintomas de sinais e que pode ser produzido por diferentes causas.

Hossne (2009) apontou que vulnerabilidade é uma síndrome que pode atingir não apenas um ponto ou uma área, mas pode atingir o sistema. É uma síndrome que pode ser localizada a uma ou mais áreas, mas que pode também ser sistêmica e pode ter várias causas. E principalmente Hossne (2009) indicou que “encarando a vulnerabilidade sob forma de síndrome e inserindo o ser humano (o paciente ou o sujeito da pesquisa) em um sistema, (sistema de saúde ou sistema de pesquisa) torna-se evidente que, sob o prisma da bioética, o referencial da vulnerabilidade deve ser analisado e avaliado de modo mais abrangente e de modo mais complexo do que habitualmente é feito”.

Retornando então a nossa questão inicial, consideramos que as possibilidades de auto-organização do processo nutricional, devem ser pensadas numa perspectiva de ação de 'sujeitinhos', isto é, seres que fazem suas tentativas de 'controlar o controle' de suas escolhas alimentares por meio de uma mente 'imatura' (CP 7.381), mais sujeita a erros que a parte instintiva de sua mente. Somos seres falíveis em processo evolucionário de constante aprendizagem.

Neste aspecto, devemos ressaltar a importância da dimensão sócio-histórica-cultural do processo nutricional, pois a nutrição humana é expressão de aquisições ontogenéticas e filogenéticas de hábitos alimentares. Consideramos também importante apontar que a semiose (ação dos signos) é compreendida como diálogo, e, toda semiose tem um caráter comunicativo. Pretendemos então, explicitar a inserção da semiose no contexto da produção social de signos.

Quando ocorre uma quebra de hábito, por exemplo, por meio de uma sensação de fome, se desencadeia uma consciência corporal imediata que busca de um modo lógico não-racional, agir razoavelmente por meio do instinto nutricional adquirido ao longo de processos evolutivos da nossa espécie. Desse modo, uma conduta nutricional ocorre inicialmente por meio de julgamentos perceptivos instintivos e neste processo o domínio do nosso livre arbítrio parece ser limitado quando consideramos que os juízos perceptivos, primeiro elo semiótico ao real, escapam ao livre arbítrio, pois como indicou Peirce, ele é falível, mas indubitável, não nos cabendo escolher o nosso instinto nutricional.

A partir daí deve ficar claro que nossa liberdade será sempre relativa e condicionada quando venham a envolver representações. Porém, devemos notar que para Peirce, a ética se estabelece num campo dual de atração exercida pelo objeto admirável querido como *Summum Bonum* e, neste sentido cabe-nos refletir acerca de nossos limites e possibilidades no que diz respeito aos instintos nutricionais e ao modo como podemos ou não “afinar” esses instintos.

Podemos citar um exemplo na tentativa de fazer uma reflexão a esse respeito. Grosso modo, podemos dizer que há pessoas que se alimentam, mas que não se nutrem, porque ingerem alimentos que contém calorias vazias. Sendo assim, o alimento não pode causar saciedade quando não contem os nutrientes necessários aos processos vitais de síntese metabólica. É notável como há no mercado de consumo dos alimentos promoções exageradas de produtos alimentícios industrializados que são formulados no intuito de agradar o paladar causando sensação de prazer imediato durante a degustação (por exemplo, alimentos processados ricos em gorduras saturadas). Em muitos casos, o produto alimentício não nutre de fato, e o que é ainda pior, produz um vício de consumo ao causar maior apetite.

Podemos apontar, por exemplo, em nossa sociedade, o direcionamento do consumo alimentar por meio de propagandas veiculadas na mídia, que exerce certo grau de controle externo sobre as escolhas alimentares das pessoas e, desse modo, torna o processo nutricional um fenômeno hetero-organizado. Em contrapartida, consideramos que ações educativas podem se exercer de modo a redimensionar os aspectos psicobiossociais implicados na nutrição e deste modo, facilitar processos auto-organizados de mudanças de hábitos nutricionais prejudiciais à saúde das pessoas.

Resta-nos assim, a possibilidade de afinar nossos instintos nutricionais por meio de critérios de escolhas (alimentares) que valorizam não só o prazer imediato, mas igualmente, escolhas que valorizam as conseqüências pós-ingestão dos alimentos bem como aquelas que valorizam uma dimensão nutricional ética na perspectiva do meio ambiente.

A partir do conceito peirceano de aprendizagem, segundo o qual, aprender é mudar de hábito, é fundamental que todo profissional da área da saúde seja um educador, isto é, deve promover mudanças de hábitos, principalmente tendo em vista que na área da saúde uma ação educativa é uma ação preventiva de doenças.

O esforço para afinar nosso instinto nutricional envolve correlações entre a pessoa e o coletivo. Devemos notar que o esforço pessoal é necessário, mas não suficiente para a mudança do hábito nutricional. O refinamento do nosso instinto nutricional deve ocorrer em âmbito coletivo, pois as mudanças devem ocorrer em todas as etapas da cadeia alimentar e envolvem além da pessoa, o meio ambiente (por exemplo, as formas de cultivo, armazenamento, transporte, distribuição e

comercialização dos alimentos), etapas que se correlacionam a nossas escolhas alimentares de âmbito pessoal.

Tendo em vista todas as dimensões que se entrelaçam e compõem a auto-organização do processo nutricional, pensamos que a busca do ideal estético que move a nossa conduta nutricional ética não se limita ao âmbito pessoal e na busca por melhores condições de vida e saúde, o esforço de “crescimento de um hábito devido ao exercício” (CP 6.289) deve ser um exercício coletivo!

Por fim, ressalta-se que a auto-organização do processo nutricional deve ocorrer a partir da correlação de três dimensões, indicadas no diagrama (um modelo semiótico do Processo Nutricional): uma dimensão potencial de “feellings” nutricionais instintivos, uma dimensão energética que envolve uma consciência carnal e uma dimensão lógica que remete ao futuro e envolve uma consciência social da Nutrição.

Referências

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução, textos adicionais e notas Edson Bini. 2 ed. Bauru: EDIPRO, 2007.

CARNELL, S. et al. Neuroimaging and obesity: current knowledge and future directions. International Association for the Study of Obesity. SEP 2011.

CARVALHO, M.A. Um modelo semiótico do processo Nutricional. Tese de Doutorado em Saúde Coletiva, defendida na Faculdade de Medicina da Universidade Estadual Paulista, campus de Botucatu, 2012.

DEBRUN, M. M. Identidade Nacional Brasileira e auto-organização. In: D’OTAIANO, I. M. L. & GONZALEZ, M.E.Q.(orgs). Campinas: Unicamp, 2009.

HOSSNE, W.S. **Dos referenciais da bioética** - a vulnerabilidade. São Paulo: Centro Universitário São Camilo, 2009.

PEIRCE, C. S.. **The Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. In: HARTSHORNE, Charles; WEISS, Paul; BURKS, Arthur (Org.) Cambridge: Harvard University Press, 1958. Cited as CP x,y for volume x, paragraph y.

PIOMELLI, D. Endocannabinoid signal in the gut controls dietary fat intake. Proc Natl Acad Sci U S A. Aug, **2011**.

SEGERSTROM, S.C., SOLBERG NES, L. **Heart rate variability indexes self-regulatory strength, effort, and fatigue**. Psychological Science, 18, 275-281. Blackwell Publishing: 2007.

TURRISSI, P. **O Papel do Pragmatismo de Peirce na Educação**. University of North Carolina at Wilmington - USA. Trad. João Mattar, (Centro de Estudos do Pragmatismo da PUC-SP) COGNITIO: Número 3 – novembro de 2002.

The Nutritional Process and Bioethics: perspectives from Semiotics and Theory of Self-Organization

Abstract

The nutritional process is the one by which people select, ingest and metabolize foods; absorbing nutrients, excreting metabolites, producing free energy and heat, and transforming them into their own body. Acting this way, the nutritional process makes possible the maintenance of life and the actualization of potentialities. Departing from Semiotics and Charles Sanders Peirce's Pragmatism, we indicate some correlations between the affective, ethical and logical dimensions of this process, which express themselves in an non-separable and complementary unity. We compose a diagram that presents the complexity that is involved in the several stages and dimensions of the process. Both self-organizing (without a central control) processes and hetero-organizing (for instance, the influence of media marketing on food consumption choices) phenomena can related to the diagram. Educational actions are suggested to indicate psycho-social aspects of self-organizing processes of change towards more healthy feeding habits.

Key-Words: Nutritional Process, Self-Organization, Semiotics, Learning, Bioethics.